

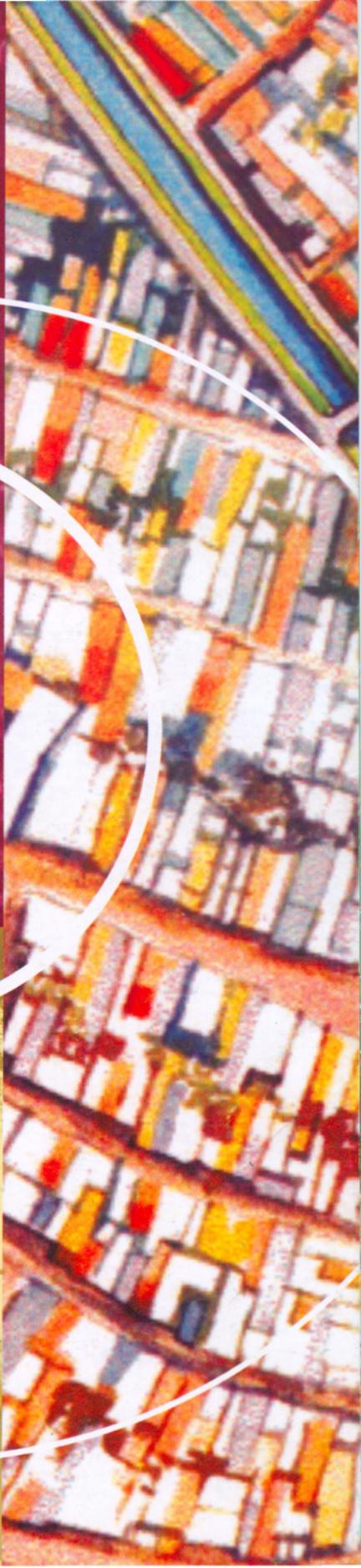
Associação Etno-ambiental Beija-flor

Nova Cartografia Social da Amazônia

Indígenas na Cidade de Rio Preto da Eva

Comunidade Indígena Beija-flor, Rio Preto da Eva-Amazonas

20



Associação Etno-Ambiental Beija-flor

Presidente: Sérgio Campos Sampaio (Tukano), **Vice-Presidente:** Fausto de Andrade da Costa Filho (Sateré-Mawé), **Secretária:** Terezinha Freitas Costa Willot (Sateré-Mawé), **Vice-Secretária:** Dalgiza Oliveira Araújo (Sateré-Mawé), **Tesoureira:** Rosemeire Noronha Lopes (Baré), **Vice-Tesoureira:** Pedro Caetano Willot (Arara), **Conselho Fiscal:** Germano José Borges Campos (Tukano), Luiz Oliveira Cidade (Sateré-Mawé), Antônio Moisés Novaes da Silva, **Suplentes do Conselho Fiscal:** João Cruz P. Campos Sampaio (Tukano), Valdenice Rodrigues de Souza (Mayuruna) e Noemia Coelho Noronha (Baré).

Lista de participantes na Oficina de Mapas realizada nos dias 19 e 20 de outubro de 2007 na Comunidade Indígena Beija-flor I, no município de Rio Preto da Eva-Estado do Amazonas.

| Nome | Idade | N.º Filhos | Etnia | Origem | Comunidade atual |
|--------------------------------|-------|------------|-------------|----------------------------------------------|------------------|
| Joaquim Sampaio | 66 | 05 | Tukano | Jandu-Cachoeira/ São Gabriel da Cachoeira/Am | Beija flor I |
| Dario Massa Vasconcelos | 41 | 00 | Tukano | São Gabriel da Cachoeira | Beija-flor II |
| Fausto de Andrade Costa Filho | 33 | 03 | Sateré-Mawé | Rio Maral/Maués/Am | Beija-flor I |
| Luiz de Oliveira Cidade | 18 | 00 | Sateré-Mawé | Rio Andirá/Parintins/Am | Beija-flor I |
| Luciana da Silva Vasconcelos | 23 | 03 | Tukano | Rio Preto da Eva/Am | Rio Preto da Eva |
| Maria Gorete Massa Vasconcelos | 31 | 06 | Tukano | Santa Luzia/São Gabriel da Cachoeira | Beija-flor II |
| Josefa Massa | 63 | 06 | Dessana | Pari-Cachoeira/São Gabriel da Cachoeira | Beija-flor I |
| Izabel Campos | 59 | 08 | Dessana | Pari-Cachoeira/São Gabriel da Cachoeira | Beija-flor I |
| Irineu Ramos da Costa | 60 | 14 | Marubo | Rio Ipixuna/Cruzeiro do Sul/Acre | Beija-flor III |
| Tatiana Vasconcelos de Souza | 19 | 02 | Tukano | Baixo Rio Preto/Rio Preto da Eva | Beija-flor II |
| João Rodrigues de Souza | 42 | 03 | não-indio | Baixo Rio Preto/Rio Preto da Eva | Beija-flor II |
| Laci Menandro de Castro | 67 | 07 | Apurinã | Rio Purus/Beruri/Am | Beija-flor II |
| Ana Lúcia Menandro de Castro | 29 | 02 | Apurinã | Manaus/Am | Beija-flor II |
| Sandra Lima de Castro | 26 | 02 | não-indio | Manaus/Am | Beija-flor II |
| Mario Lúcio Menandro de Castro | 32 | 02 | Apurinã | Rio Purus/Beruri/Am | Beija-flor II |
| Francinete de Oliveira Cidade | 13 | 00 | Sateré-Mawé | Maués/Am | Beija-flor I |
| Lucinete de Oliveira Cidade | 15 | 00 | Sateré-Mawé | Maués/Am | Beija-flor I |
| Maria Amélia Oliveira Cidade | ? | | Sateré-Mawé | Barreira/Maués/Am | Beija-flor I |
| Anastácia Miquiles Marinho | 53 | 08 | Sateré-Mawé | Rio Andirá/Parintins/Am | Km 100-AM 010 |
| Sergio Campos Sampaio | 26 | 00 | Tukano | Pari-Cachoeira/São Gabriel da Cachoeira | Beija-flor I |
| Iranir Gomes da Costa | 34 | 00 | Marubo | Atalaia do Norte | Beija Flor III |
| Terezinha Freitas Willot | 60 | 08 | Sateré-Mawé | Iranduba/Am | Beija-flor I |
| Maria Carmem C. Sampaio | 35 | 03 | Tucano | Pari-Cachoeira/São Gabriel da Cachoeira | Beija-flor I |
| Valdenice Rodrigues de Souza | 35 | 08 | Mairuna | Tefé-Am | Beija-flor I |
| Pedro Caetano Willot | 67 | 02 | Arara | Iranduba/Am | Beija-flor I |
| Antonio Moises Novaes da Silva | 44 | 08 | Mayuruna | Tefé | Beija-flor I |
| Francisco Batista Vaz | 38 | ? | Tucano | Nova Olinda/Am | Km 04-AM 010 |
| Raimunda Sousa | 54 | 11 | não-indio | Pará | Rio Preto da Eva |
| Manoel Pereira Arcanjo | 48 | 04 | Cocama | Colônia São Sebastião/São Paulo de Olivença | Beija-flor I |
| Dande Pereira Baré | 67 | 04 | Baré | Tabucá/São Gabriel da Cachoeira | N. S. Aparecida |
| Jose Carlos Marinho | 67 | 11 | não-indio | Parintins | N. S. Aparecida |
| Santina Marinho Paulino | 31 | 04 | Sateré-Mawé | Rio Uatumã/São Sebastião Uatumã | N. S. Aparecida |
| Germano José Borges Campos | 35 | 02 | Dessana | São Gabriel da Cachoeira | Beija flor I |
| Lucila Gutierre Lopes | 31 | 02 | Tuliuca | São Gabriel da Cachoeira | Beija flor I |
| Noemia Coelho Noronha | 51 | 06 | Baré | Codajás-AM | Beija flor I |
| Adelina da Silva Marcos | 48 | 06 | Cocama | São Paulo de Olivença/Am | Beija flor I |

N935 Nova Cartografia Social da Amazônia: Indígenas na Cidade de Rio Preto da Eva - Comunidade Indígena Beija-flor/Organizado por Alfredo Wagner B. de Almeida; autores: Emmanuel de A. Farias Júnior, Nadja Christine de Castro Sousa, Willas Dias da Costa et alli Manaus: Editora da Universidade do Amazonas/PNCSA, 2008.

12 p.: Il.; 24 cm (Movimentos Sociais e Conflitos nas Cidades da Amazônia)

ISBN: 978-85-7401-397-8

1.
CDU

Coordenação do Projeto

Nova Cartografia Social da Amazônia

Alfredo Wagner Berno de Almeida
(PPGSCA/UFAM, CNPQ, FAPEAM)

Equipe de Pesquisa

Emmanuel de Almeida Farias Júnior (PPGSCA/ UFAM),
Nadja Christine de Castro Souza (PPGDA/UEA),
Elieyd Sousa de Menezes(UFAM),
Willas Dias da Costa (PPGE/UFAM),
Glademir Sales dos Santos (PPGSCA/UFAM),
Ana Kátia Santana Cruz (PPGSCA/ UFAM).

Cartografia

Luís Augusto Pereira Lima

Levantamento de G.P.S.

Iranir Gomes da Costa,
Willas Dias da Costa

Edição

Nadja Christine,
Emmanuel de Farias Júnior,
Willas Dias

Fotografias e filmagens

Willas Dias,
Nadja Christine,
Glademir dos Santos,
Elieyd Menezes,
Alexandre Baxter,
Thaís Brianezi,
Pedro Macedo D'Albuquerque

Projeto Gráfico

José Fernandes F. Neto

Em dezembro de 2005, em reunião do Conselho da Cidade e lideranças do movimento social em Belém, foi apresentado o projeto "Nova Cartografia Social da Amazônia" e o resultado dos trabalhos de pesquisa com quebradeiras de côco babaçu e quilombolas. Das situações sociais identificadas gerou a mobilização dos presentes na reunião para o desenvolvimento do Projeto com grupos que vivem nas cidades. A partir desta reunião teve origem a Série "Movimentos Sociais e Conflitos nas Cidades da Amazônia". Esta série inicia com os indígenas, homossexuais, afro-religiosos e negros e negras de Belém e tem continuidade com outros grupos em Belém e outras cidades da Amazônia, como Manaus.



Participaram da Oficina de Mapas 36 adultos e 34 crianças. Nesta foto tem-se apenas os participantes do dia 20 de outubro à tarde.

Participantes da Oficina de Mapas no dia 20 de outubro de 2007.

Em pé, da esquerda para a direita: Valdenice, Maria Amélia, Francinete, Francisca, Irineu, Isabel, Carmem, Pedro, Lucila. Abaixados, da esquerda para a direita: Irani, Joaquim, Sérgio, Fausto, Germano, Luiz, Adelina e Manoel. Crianças: Estefani (no colo), Orlean, Lucas, Renan e Willian.

A Comunidade Indígena Beija-flor I

"O americano Richard Melnik trouxe vários povos indígenas para trabalhar no Sítio Beija-Flor, um dos projetos que o americano tinha era de criar uma comunidade indígena onde pudesse dar apoio aos índios da cidade, também, de um projeto de resgate cultural para os índios que moram na cidade há muito tempo, e também criar a fundação Beija-Flor que apoiaria os indígenas na confecção de artesanato. Então, os primeiros povos a serem trazidos pelo americano foram os Yanomami do Rio Maia, povo Hiskariana, povo Tukano (Gabriel Gentil), isso foi na década de 80. Desbravaram e construíram malocas.

É, em 91 nos viemos para cá pra Comunidade Beija-Flor a convite de um americano Richad Melnik. A Fundação Beija-Flor ela daria apoio na... nossa confecção e venda de artesanato para o exterior, para fora. E como ele tinha uma loja chamada Casa do Beija-Flor em Manaus, ele comprava produtos indígenas de todo o índio do Brasil. Nós tivemos muitas lutas desde o começo, até hoje estamos lutando ainda. Hoje a Comunidade Beija-Flor é composta por várias etnias dos povos Sateré-mawé, Tukano, Dessano, Twiuca, Apurinã, Baniwa, Arara, Marubo, Mayuruna... nós somos o total de 232 indígenas distribuídos em três comunidades: Beija-Flor I, II e a III! Muitos perguntam assim: "porque que eles dividiram as comunidades?"

Hoje a Beija-flor I ficou assim como base, base central das comunidades do Rio Preto da Eva, como casa de apoio. E daqui é que nós reunimos com as outras lideranças, com os membros que representam as comunidades aqui. Onde sai daqui as soluções para os problema das comunidades... tanto na área de saúde, de educação, e também problemas jurídicos. Tudo! Daqui é que sai as decisões com apoio das duas comunidades. Então a comunidade Beija-Flor II que fica no baixo Rio Preto da Eva, onde é se desloca daqui dá uma hora e meia de voador até lá. Ela também... são os que ficaram lá, trabalham muito em cima da agricultura e da pesca. E a III trabalham muito na caça, na produção de carvão. E aqui a comunidade onde que ficou mais centralizada na agricultura e também, em geral, o artesanato também. É, nós tivemos sim, como foi colocado aqui, dificuldades na venda em Manaus. Onde as pessoas compram barato. A comunidade colocou aqui que não teve retorno, não teve muito é... não teve futuro no artesanato!!

Então ele ficou no que ele sabe mesmo hoje, na produção de farinha, de mandioca, e esse é o trabalho dele mesmo. Aonde ele já chega já a fazer bastante farinha onde ele vende aqui no Rio Preto da Eva para o comerciante. E... assim a gente respeita cada trabalho também dos parentes também a gente não obriga assim a trabalhar só no artesanato, só na agricultura.

Mas o artesanato pra nós aqui na comunidade Beija-Flor I é como... a fonte maior econômica da Beija-Flor I é o artesanato. Aonde nos chegamos a comprar algumas coisas, nos mandamos também pra II também, alguma coisa também, nós fazemos tipo uma troca com o que eles trabalham, com o que eles pegam lá embaixo. E a situação assim econômica nossa é essa que eu coloquei, aqui também cada família trabalha com seu roçadinho, o Joaquim também tem o roçadinho dele, a Carmem também tem o dela, que ela gosta muito de trabalhar com o roçado.

No começo da fundação da Comunidade Beija-Flor. Como foram convidados vários parentes de várias etnias, então no começo nós tivemos um pouco de dificuldade de comunicação. Por ser de tribos diferentes, de línguas diferentes. Então nós tivemos um problema também, de comunicação! Mas aos poucos nós fomos tentando superar, a entender cada parente, os pensamentos deles também. E teve também alguns problemas de tribos assim com outras etnias eles diziam a minha é mais forte, a minha é melhor, a tua é mais fraca. Eu sou bom pescador, eu sou bom caçador, você não é como eu! Então tivemos esse tipo de conflito, esse problema no começo. Mas hoje, depois que nós começamos a entender e a respeitar cada decisão dos parentes.



Antiga entrada do Comunidade Beija-Flor na década de 1980.



Índigenas das etnias Kubeo e Tuiuca, década de 1980, primeiros índigenas a morar na Comunidade.



Primeira manifestação cultural do Dia do Índio, 1999.

Pra ajudar mais a união dos povos aqui na Beija-flor foi quando nós tivemos, eu tive a idéia de em 99, de fazer o primeiro movimento cultural na comunidade Beija-flor! Esse movimento incluía a participação de todas as etnias que estavam aqui nesse tempo. E nós pedimos que cada grupo que estava aqui se unisse com sua família seus filhos e mostrasse a cultura dele, fez com que toda as etnias se unisse. E então em 99 teve inicio essa programação que uniu todos os povos. E hoje nós temos a programação de todo ano, mês de abril, a semana do índio... que dura três, quatro dias de programação". (**Fausto, Sateré-Mawé**)

"E ai, 95 viemos pra cá de novo, mandou pra cá pra mim ... Ricardo... com Fausto, mulher e minha filha pra cá de novo para descobrir de novo. Ai ele me falou: o senhor vai lá trabalhar eu tirei um área básica para vocês indígenas para ficarem trabalhar artesanato, fazer roçado, e assim. E nós viemos pra cá fizemos roçado aqui, porque ninguém existia mais não, pois estava abandonado essa área, comecei a trabalhar, meu filho onze anos de idade na época. Começamos plantar pouco, pouco, pouco.

Primeiras etnias que chegaram: Yanomani, Tukano, e Maniwa, e Sateré, e Tariano, Waiwai e Mura! Todo". (**Joaquim, Tukano**)

"Nós vivemos pertinho do município... é bem pertinho do município. E... é... mas a gente pouco usa... pouco usa... principalmente em termos de saúde, a gente pouco usa o município... mesmo porque a gente ... nós já sentimos que somos discriminados aqui, nós somos discriminados, a gente sabe que somos discriminados porque quando a gente vai solicitar alguma coisa eles dizem que a gente tem ajuda da FUNAI, que a gente tem ajuda de outros órgãos indígenas. E ninguém não tem!". (**Pedro, Arara**).

"Falar como eu vim pra cá? Morava antigamente lá no Alto Ro Negro. Aí depois chegou meu tio Joaquim, chegara lá com a minha tia Dona Isabel. Ai para ti ir lá, eu não trabalhava tanto no artesanato, só fazia o que minha mulher precisava: tipiti, peneira e cumatá, só isso aí mesmo. Ai lá também tocava carriço, eu era artista de lá mesmo. E chegou lá e disse: "com o que tu sabe tocar então vumbora lá trabalhar". Enfiei logo e vumbora. Era pra mim vir trabalhar com turismo mesmo, só que não deu certo, ai fiquei parado. Comecei a trabalhar artesanato, aí aprendi com meu primo aí: Sérgio. Eu não gostava tanto de trabalhar artesanato, ai vi que dava dinheiro só pra viver mesmo. Aí, não sabia fazer nada, só fazia grande. Levava e vendia e trazia micharia de cinquenta. Aí depois trabalhei-trabalhei... Tinha um hotel que fica lá embaixo, chega aqui o turista só olha e vão embora. Como a gente pode trabalhar? Deixa lá só de enfeite. Ai não adianta não. Melhor a gente parar mesmo. Parei. De vez em quando eu faço só pra enfeitar lá. Eles não compram. E assim... faço uma roça poquinho, só pra mim, consumo mesmo: mandioca, banana, agora que nós estamos começando, estamos morando aqui quatro anos só". (**Germano, Tukano**)

A Língua

"A gente fala mais nossa língua, lá em casa não existe português, lá em casa só nossa língua. Eu e mamãe, meu papai. É assim. Porque meus irmãos chegaram desde criança, assim. Meu irmão veio com três anos. Agora ele fala tukano só tukano. Quando ele sai lá fora é tipo branco fala português também, com branco, né!?. Igualmente assim quando a gente morava com Tukano, eu posso falar Tukano! Minha mãe ela fala um bocado de língua, né!? Com tukano ela fala tukano, com Dessano ... é a etnia dela. Ela fala com língua dela, dessano. Com tuiuca ela fala tuiuca. Comparação ela fala tudo. É outros que falam um bocado de língua: que fala português, espanhol, inglês!... igual índio!" (**Sérgio, Tukano**).

"A gente estudava com a língua materna: português, ciências, que com certeza ia ser diferente, matemática também. Por que? Porque pra mim a matemática é o que a gente faz aqui, o artesão. Todas as matérias-primas que a gente vive no mato. Muitas coisa que existe no mato, o professores, o branco, não explicam. Muitas coisas que a gente conhece aqui, quando a gente fala pra lá eles fala "ah isso aqui eu não conheço. Eu não sei como saber explicar!" Por isso que o colégio aqui dentro dessa comunidade ia ser importante. Pois até uma vez um rapaz me perguntou "como ia funcionar o colégio aqui dentro? O colégio como que vai ser, será que é como o nosso funciona?" Ai eu falei assim: "eu acho que não, porque lá qual que vai existir mais vai ser a língua materna, porque muitas pessoa estão esquecendo com certeza vão voltar de novo a saber: sua própria língua." (**Luís, Sateré-Mawé**)

A Vida em Rio Preto da Eva

"Bom, a minha vida eu vivo mais de agricultura; minha farinha, minha... abacaxi, esse tipo de coisa. Artesanato é um trabalho muito importante... para renda, mas não dão valor para esse tipo de trabalho. Fica difícil para nós parentes fazer esse tipo de trabalho porque ninguém tem apoio. Por isso eu parei um pouco e trabalhando na agricultura.

Eu e meus parentes vivemos de agricultura é só isso mesmo. Começa a derrubar no mês de junho, julho, por aí... ai quando chega essa época de verão a gente bota fogo, é um trabalho muito demorativo, (...) com um ano vai colher a roça. A mandioca é plantada o ano todo, não tem tempo pra ela não. O abacaxi também é o ano todo. No mínimo a gente bota um hectare, é uma quadra, é cem por cem. É difícil. Às vezes a gente trabalha em troca de dias. Mas é difícil. Às vezes a gente troca dias com meu cunhado. A gente produz esse produto e vende aqui no município mesmo. É só isso mesmo que a gente faz... agente pesca ...Vai escapando devagar.

Estou com 25 anos no Rio Preto na época em que o município não era nem município era apenas uma secretaria de produção. Ai depois que se tornou município... "Morei pra lá pra baixo rio até hoje estamos pra lá". **(Dário, Tukano)**

"Comunidade Beija-flor II/Baixo Rio Preto. Abacaxi, Maracujá, aquele Ramutã não sei se vocês conhecem... é uma fruta assim, tipo urucum, quem nunca viu. Eu planto muito lá. Maracujá, manga rosa, açaí, tudo eu planto lá. Laranja, abacaxi, banana, tangerina. Não quando é muito, por enquanto é só pro consumo. Maracujá deu bastante. Agora estamos fazendo um bananal, quase um hectare. Só daquela banana grande. Acho que uma banana grande, Pacova, que aqui não existe não. Tem todo tipo. Tem aquela maça, prata, aquela baé... sabe como é aquela banana roxa. Todo tipo de plantação lá eu planto. Meus filhos. Mora meus filhos. Na comunidade são 12 famílias ou mais". **(Laci, Apurinã)**

"Agricultor as vez posso, aqui não trabalha muita coisa, como no interior onde nós morava, porque é área desmatada. A gente trabalha em qualquer lugar que tu vai a gente gosta mais onde área tem barro, onde tem areia, mas como terra preta, a gente colhe mais, onde dá mais produto. Mas aqui é difícil aqui. Só mandioca nós planta. Aqui quando planta abacaxi, batata, rouba muito aqui dentro da área. Especialmente que cutia que estraga mais batata-cará. As vezes vende minha esposa, na frente, porque as vizinhas dela quer... goma, farinha bem cheirosa, nova. Ela que vende lá, recebe alguma grana. As vezes nós mesmo, nosso consumo mesmo tem beiju, farinha, assim!" **(Joaquim, Tukano)**



Acima: Dona Isabel peneirando a massa de mandioca para fazer farinha na Comunidade indígena Beija-Flor, 2007; Dona Isabel torrando a farinha na Comunidade indígena Beija-Flor, 2007.

Abaixo: Sérgio mostrando o plantio de mandioca na Comunidade Indígena Beija-Flor, 2008.



Comunidade Indígena



- Legenda**
- Área da Comunidade
 - Trajetória percorrida com GPS
 - Entrada da Comunidade
 - Maloca de Ritual - Cerimonial
 - Maloca de Arte e Saúde Indígena
 - Maloca de Etnia Tukano
 - Maloca de Etnia Mayruna
 - Maloca de Etnia Baniwa
 - Maloca de Etnia Dessano
 - Maloca de Etnia Baré
 - Maloca de Etnia Mura
 - Maloca de Etnia Sateré-Mawé
 - Maloca de Etnia Sateré-Mawé / Arara
 - Maloca do sr. Charles

- Formas de Coesão Social**
- Banho
 - Local de Ritual do Jabuti
 - Igreja Adventista
 - Trilhas
 - Ponte
 - Cidade da Criança - Quadra de Esporte
- Atividades Agrícolas**
- Floresta
 - Roçado - Maniva
 - Roçado velho
 - Canteiro de plantas medicinais
 - Casa de farinha
 - Canteiro de Hortaliças - Legumes
 - Antigo local de criação de porco queixada

- Conflitos**
- Igarapé poluído
 - Na parte noroeste do limite
 - Placa que marca limite da comunidade, atingida por balas de revólver.
 - Área de invasão por circundantes de bairros vizinhos
 - Área de invasão estrada aberta por particulares
- Convenções**
- Rodovia
 - Rios e Igarapés
 - Áreas encharcadas

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia
 Fonte: Outubro - 2007
 Croquis dos mapas das Comunidades Indígenas Beija-Flor I-III
 Oficina realizada nos 19 e 20/Outubro-2007 - Rio Preto da Eva
 Coleta de pontos com aparelho receptor para GPS.
 Digitalização imagem Google Earth, acessada em Outubro-2007

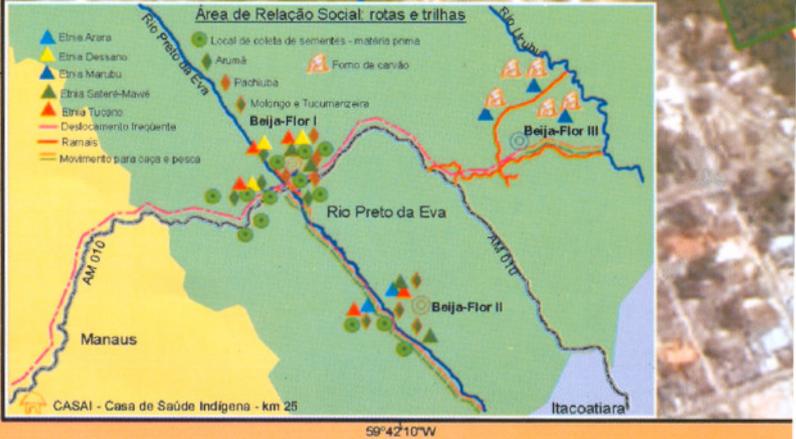
Equipe de elaboração:
 Emmanuel de Almeida Farias Júnior / Willas Dias de Costa
 Glademir Sales dos Santos / Nadja Christine de Castro Souza
 Ana Kátia Santana Cruz / Joaquim Sampaio
 Sérgio Campos Sampaio / Pedro Caetano Willot
 Germano José Borges Campos / Fausto de Andrade Costa Filho

Cartografia: Luis Augusto Pereira Lima 1:5.000
 Sistema de Coordenadas Geográficas-Datum Geodésico Horizontal-SAD86

241'20"S
241'30"S
241'40"S

Utilização de sementes e resíduos florestais para a confecção de artesanato

- Açaí
- Arumã
- Bacaba
- Caracru
- Chumburana
- Inajá
- Lágrima de Nossa Senhora
- Morotó
- Patauá
- Pachiuba
- Puká
- Pupunha
- Taboca
- Tento
- Tucumã
- Tucumã
- Turi
- Tronco de Pau Brasil



Beija-Flor I - Rio Preto da Eva - AM



"Fazenda do Geraldo"

"Área da Suframa"

Igarapé do Seixo

Comunidade Indígena
Beija-Flor I

Igarapé poluído

Rua Lourenço de Melo

Bairro Monte Castelo II

Rua Plácido Serrano

Área Urbana de Rio Preto da Eva

Bairro Monte Castelo I

AM 010

O Índio e o Indígena

"Quando a gente era moleque o pessoal falava mesmo: não, você é índio, você tem que ir pro local onde tu veio. Tem que ir pra lá. Aqui não é lugar de índio não. "Ei Índio!!". (Sérgio, Tukano)

"Até agora quando minha irmã estuda. Eu também tenho outras irmãs que estuda lá fora, às vezes chega lá em casa, fala "eu não já vou mais estudar." Até a que mora com o Fausto, tem 14 anos, fala que não vai mais estudar. Porque o pessoal chama ela muito de indígena porque o lugar do índio não era na cidade é no mato. Às vezes eu vejo o pessoal chama assim: "Ei, Índio!". Até quando eu vou lá fora, fala assim: "Ei índio!" Quando eu não to lá, às vezes eu fico até meio chateado. É uma coisa porque até parece que aquela pessoa que chamou também não tem sangue de índio. Mas quando o pessoal fala assim "Ei, Índio!" outra vez de novo. A pessoa fica todo... a gente não é acostumado". (Luiz, Sateré-Mawé)

"A gente aceita até quando o cara chama indígena. Agora índio... índio pra mim não existe. Palavra índio pra mim não existe não. O cara vieram lá na Europa lá... eles vieram fazer expedição para descobrir não sei o que... ai o vento bateu pra cá pra América. Os cara fala que eles iam ... como é... não sei se pra Ásia? Pra África? Pra Índia... Eles erraram o caminho... o vento bateu no outro lado... encontraram o que? É índio. Por causa da Índia que nos somos índios. A palavra Índia ela significa incapaz, vagabundo, preguiçoso... um bocado de coisa! É porque que o movimento, a Constituição 88... 1988, os movimento indígena, movimento negro, MST, parlamentares se reuniram para derrubar essa palavra índio. Pra quem estudou a palavra índio não existe mais não, tem que chamar indígena. Nos somos indígenas, não índio". (Sérgio, Tukano)



"Quando eu vejo uma pessoa dizer assim que não é índio, filho daqui! Eu entendo ele então como... imigrante. Porque são quinhentos anos de historia do Brasil, ai vem eu acho que no máximo sete gerações, então porque nós não somos descendentes de índios? Agora porque se todos nós olhar pra trás, nossos avós, bisavós, tiveram bem próximos deles. Ai as pessoas negam hoje porque tem olhos azuis, cabelo loiro, branco". (Irineu, Marubo)

"Até porque a gente estuda assim, tem assunto que deixa a gente chateado, entendeu?! A gente lê na Historia... na História do Brasil: é o massacre que faziam com os indígenas. É a escravatura, que faziam deles os escravos, a mão de obra, pra enriquecer eles que vieram lá de fora: os espanhóis, os portugueses. Então isso ai, quando chega ponto assim que eu to lendo (Porque ali a pessoa vai lendo a professora vai comentando, vai...) ...ai quando eu to lendo e chega nesses pontos assim ... eu paro. Ai ela pergunta "porque?" e eu digo que eu não gosto de ler essas partes porque eu sinto muito mal comigo. Saber que meus antepassados foram tão massacrados. E hoje, a gente continua ainda com certo... com muito tipo de preconceito mediante... pelo motivo de sermos indígenas". (Irani, Marubo)

Acima: Artesanato indígena produzido na Comunidade Indígena Beija-Flor, 2008.

Ao lado: Dona Terezinha trabalhando no artesanato Sateré-Mawé, 2007.

Abaixo: Artesanato Sateré-Mawé.

Artesanato

"O artesanato é nossa principal fonte! É a nossa principal fonte de sobrevivência. E apesar de eu viver aposentado! Mas sempre o artesanato é uma ajuda principal. Quanto ao problema da matéria prima, que fala... a gente tira por aí pelo mato e compra também. Sementes de várias espécies. E a gente tem que fazer farinha. Também pra ajudar... isso ai não vende é para consumo mesmo, consumo. Eu, por exemplo, trabalho com artesanato é da etnia Sateré, eu sou indígena Arara, mas



Placa de identificação da Comunidade Indígena Beija-Flor, marcada por tiro de arma de fogo, 2007.



Levantamento com G.P.S. feito pelos indígenas na identificação de seu território após a Oficina de Mapas, 2007.



trabalho com o Sateré, artesanato Sateré: madeira, semente. Eu faço canoa, faço banco, diversas coisas de... de madeira. Colar, pingente... a Teresinha também... Pulseira, pulseira é...colar, brinco, faz tiara. Nós sentimos! Até porque a gente faz e a gente prefere vender aqui ... Aqui na aldeia mesmo, porque se a gente tiver que levar pra Manaus eles pagam muito barato, sabe? Aqui eu tiro madeira, faço canoa só com resto de madeira daqui da comunidade. Daqui do terreno da comunidade. Daqui da nossa área. Agora semente eu encontro por aí, tem uma parte aqui... Em Manaus eu descobri lá um terreno que está cheio de semente... eu vou lá e aí eu tiro muito lá.

É o tento. O tento também eu tiro. É fácil de encontrar por aí. Mas tem mais... o açaí por exemplo a gente tem que comprar ele, beneficiado.

A gente usa também o Tucum. Tucum a gente compra, tanto a gente compra sem ser beneficiado, quando o beneficiado... a gente compra. A gente compra que vem do Alto rio negro. Eu tenho um amigo que vende cinquenta reais o tubo de Tucum tecido para fazer colar. Cinquenta metros. Vem de lá do alto Rio Negro". **(Pedro, Arara)**

"Trabalha! Eu faço de pau-de-chuva, aprender com sateré, né!? É pau-de-chuva é serviço do Sateré, aprender com ele. Zarabatana e a flecha, eu faço só isso. Para mim não dá pra muitas coisas tecer meus olhos me travam. É Sergio que trabalha mais, todo que tá aí... pau-de-chuva, aquele quadrinho de balaio. É ele quem faz tudo. Ele faz tudo". **(Joaquim, Tukano)**

Os Conflitos por Causa da Terra

"... a gente vai vivendo assim! com esse objetivo de um dia ser independente. Nossa área ser reconhecida. Reconhecida como área indígena demarcada". **(Pedro, Arara)**

"O cara que é Tadeu sempre chega aqui, mas ele não entra aqui, ele tem medo, lá fora ele dá um recadinho e vai embora. Ah gente quer é viver em paz nessa área aí. Tranquilo, as nossas crianças viver bem tranquilo, brincando. É isso que a gente quer. Pessoal querendo tirar a nossa área, fazendo bagunça a gente não quer não". **(Germano, Tukano)**

"E a situação jurídica da terra é que após a morte do americano Richard Melnik apareceu um ex-procurador dele que trabalhou com ele muito tempo, mas que ele já tinha já tinha entrado com uma ação pra anular a procuração desse Antonio Tadeu, mas como a justiça é lenta, ela é muito demorada! Enquanto a decisão ainda vai decidir, ainda vai de procurar de anular, de verificar bem os documento. O procurador procurou de imediato de vender todas as propriedade do americano, enquanto a Justiça tá... tá rolando ainda. Então ele usando de má fé vendeu tudo as propriedades do americano. Se apossou, vendeu! E ele ainda vendeu as terras onde nós habita aqui hoje.

Ele vendeu as terras por dois mil reais para a própria mulher dele e ainda vendeu com todos os indígenas que tão aqui morando ainda... ele vendeu em 2000 a área por dois mil reais ... pra própria mulher dele e depois ele se intitulou procurador dela. Então quando nos recebemos uma carta de desapropriação aqui da comunidade, nos procuramos também nossos direito indo com o juiz municipal do Rio Preto da Eva, de onde ele se achou incapaz de assim de resolver o problema, sendo que a questão indígena. Cabe a justiça federal, então ele mandou todos os processos pra Justiça Federal. Então até mesmo esse Antonio Tadeu ele teve um impacto quando ele pensou que estava tudo no Rio Preto da Eva e foi tudo pra Manaus. Então ele começou a recorrer, brigar, intimidava, ameaçava, mandava capangas com armas, atirava! Muitas vezes eles provocava a própria comunidade". **(Fausto, Sateré-Mawé)**

A Tentativa de Loteamento

"Teve uma época que ele entrou com trator D8 derrubou várias casas, derrubou um plantio de mandioca, estragou o igarapé que tinha, que era aqui, que tá poluído agora! Tudo com a missão de desapropriar e lotear as terras e depredar mesmo com a natureza mesmo. Então nós resistimos, lutemos... e ganhamos a primeira batalha que foi essa em 99. Passando mais um ano, novamente ele se fortaleceu lá fora e voltou de novo pra lotear novamente. Mas já não veio mais com trator, então ele começou a vender as terras lá no Rio Preto da Eva numa casa lá. E vendeu!! Ele vendia as terras e só dizia que era "é lá, minha terras"- ele dizia, mas não trazia pra mostrar, e as pessoas chegavam aqui com terçado na mão... que compraram dele e perguntavam "onde é o lote 20? onde é o lote 30? Onde é o lote?" "Não aqui não tem lote nenhum. Aqui é comunidade indígena Beija-Flor!" Passando mais dois anos voltou novamente. Então nós procuramos... procuramos nosso direito perante FUNAI, COIAB, CIMI. E, há muito tempo a comunidade Beija-Flor está com um processo que está parado na Justiça Federal, por falta de acompanhamento jurídico". **(Fausto, Sateré-Mawé)**

"Começou o Homem também! Ai começou o loteamento. O loteamento Belo Horizonte toda vez. Toda vez! Ai veio ele mesmo que chegou aqui e deixou aqui, pra sair daqui a trinta dias, ir embora já. E começou a fazer aqui picada pra fazer rua. Ai Fausto prendeu com policia e foi embora. Parou duas semanas e começou a fazer lá com peão que vieram de Manaus. Nós fomos com Advogado do CIMI, direto por três horas da tarde com flecha bem pintada, nós fomos "quem pode mandar parar ele?". " Ninguém manda, aqui é área indígena," ele disse não é não, "é do homem, do TADEU, é dono da terra". E nós falamos que não. E foram todas pessoas, peões todos embora.

Uma vez me mostrou na frente "Seu Joaquim ta aqui o mapa!" Essa carta azul, carta azul... mapa dele, tem... recebeu cada um terreno, tem cada cruz tem onde tem terreno, pegou... tinha cruz tudo! Ele mostrou. "Ei seu Joaquim, eu como vou fazer cada terreno". Tem mapa... toda vez que está rolando aqui nessa cidade "Vou abrir, vou expulsar indígena", ele falava assim toda vez, mas ele não entra mais não. É homem, Tadeu!! Só na frente que ele fala, lance é que duas vez que entrou aqui a policia federal quis prender ele e levaram prá lá.

É... por isso nós falava com minha filha, Sérgio e a minha esposa Como pode fazer assim pra nós, que vai legalizar, seria bom pra nós ficasse tranqüilo, em, fazer documento, associação, abrir escola, para o futuro ficar bem. A gente conversava ontem seria bom pra nos aqui". **(Joaquim, Tukano)**

A Invasão

"Aqui do lado da nossa área existe um bairro que agora é denominado Monte... bairro Morro da Liberdade aqui. É uma baixada assim, meio decaída assim, muito feio onde passou o igarapé, que é chamado Igarapé do Gringo, que é o nome do fundador da comunidade, o americano Richard Melnik. O igarapé do gringo passa assim rebaixado. Então eles invadiram, subiram o morro e fizeram casas aqui. Então como as casas ficaram muito próximo à reserva, e eles pra poder ir pra fora, eles tinham que dar o retorno e pegar uma rua e subir uma rua lá da segunda etapa. Então aconteceu. Então o que é que eles fizeram? Eles fizeram um caminho cortando assim o canto da comunidade. Começaram a fazer picada, nós chegamos lá, tentamos coisa, mas foi inevitável, no quintal entrava caminhão lá, as pessoas passaram a roçar pra poder passar, pra poder o acesso deles ser mais rápido do que dar essa volta no Rio Preto da Eva". **(Fausto, Sateré-Mawé)**

Elaboração e apresentação dos Croquis durante a Oficina de Mapas na Comunidade Indígena Beija-Flor, 2007.



Por Que o Mapeamento Social?

“Seria mais um documento escrito pra comunidade, não assim verbal como a gente fala aos domingos para os alunos. Mas seria assim um documento concreto pra ter em mãos, que fale da realidade da comunidade em geral, que fale dos problemas que eu falei. Dos problemas fundiários, de saúde, social. Então seria assim um respaldo pra nós. Então essa é minha visão que eu tenho”. **(Fausto, Sateré-Mawé)**

“Eu acho também que a cartografia é uma abertura para nós... porque vamos ser mais reconhecido. Porque na realidade as autoridade daqui, principalmente do Rio Preto, não nos reconhece. Nós vamos nos tornar mais reconhecidos principalmente nos nossos problemas que nós enfrentamos aqui. Nós temos problemas assim que quem sabe vai sensibilizar as autoridades. Principalmente indígenas lá em Manaus como a FUNAI, COIAB... FEPI”. **(Pedro, Arara)**

“É eu também acredito como falei de manhã, que algumas pessoas, autoridades, vão pegar esse livro... e achar que se nos dissermos que estamos sendo bem tratados é claro que eles não vão ligar. Mas na hora que ver que existe preconceito.

Esse documento eu tenho certeza que vai servir assim como uma ferramenta que a gente vai poder ta utilizando pra chegar e apresentar, dizendo: “Ta aqui ó! Essa é a realidade de cada um que vive lá. Que nos convivemos junto” Então não sou eu quem tou fazendo o comentário, nem tentando fazer o comentário pela comunidade que eu deixei, aqui no local, mas entregando o respaldo, a palavra de cada um, qual seria a forma melhor pra que melhorasse no comum”. **(Irani, Marubo)**

“Porque o que era mais importante também era sobre esse terreno. Que eu acredito que com esse trabalho que nós temos fazendo aqui. Porque agora também é como seu Pedro falou, a gente não tem quase sossego aqui. A gente quer uma escola, um posto de saúde, mas as pessoal fala que o órgão. E quando a gente fala pra prefeitura diz que não pode fazer porque não é terra indígena... E essa historia também eu tenho certeza que não só nós aqui, mas muitas pessoas, comunidades também, vão ver os livros. Os brancos... os brancos como a gente chama mesmo... vão ler e vão saber...”. **(Luís, Sateré-Mawé)**

Reivindicações

“Melhoria da educação com a implantação de escola, que até hoje estamos esperando, aguardando, e nunca fomos contemplados! Já mandemos vários documentos para a SEDUC em Manaus. Para a Secretaria de educação indígena, para a prefeitura e até hoje estamos aguardando que seja implantada a escola.

Outra reivindicação seria a saúde que nós sabemos que existe um programa chamado o DISEI Distrito Sanitário Indígena Especial para indígenas, que atende todas as comunidades indígenas do Amazonas. Até hoje temos uma dificuldade, pois ficou dito que o próprio DISEI construiria um posto de saúde para atender a comunidade Beija-flor, até hoje isso está sendo escasso na área.

E a terceira reivindicação é sobre a demarcação da nossa área que nos queria que ela fosse demarcada o mais rápido possível. Acho que o que nós teríamos de garantia, é que nós receberíamos mais recurso para o desenvolvimento sustentável da comunidade. O não reconhecimento como terra indígena, impede que chegue a escola, o posto de saúde, um saneamento básico para a comunidade. Então, depois que tiver tudo formalizado, legalizado então com certeza vamos ter muito apoio do governo federal.

Sob o artesanato é que nos precisamos mais de apoio na divulgação do nosso trabalho artesanal, nos queria abrir um mercado pro nosso produto pra gente vender, assim continuo, não assim de seis e seis meses como a gente faz sempre. Abrisse um mercado”. **(Fausto, Sateré Mawé)**



Acima: Elaboração e apresentação dos Croquis durante a Oficina de Mapas na Comunidade Indígena Beija-Flor, 2007.

Contatos

Comunidade Indígena Beija-Flor I
Fausto de Andrade Costa
(Etnia Sateré-Mawé-Tuxaua Geral)
Rua Plácido Serrano
Bairro Monte Castelo
Rio Preto da Eva - Amazonas
Telefone: 092-3328-1564

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (Fundação Ford - PPGSCA - UFAM)

Série: Movimentos Sociais e Conflitos nas Cidades da Amazônia

1. Indígenas na Cidade de Belém
2. Homossexuais na Cidade de Belém
3. Afro-religiosos na Cidade de Belém
4. Negras e Negros na Cidade de Belém
5. Catadores na Cidade de Belém
6. Pessoas com Deficiência na Cidade de Belém
7. Feirantes dos Portos Públicos de Belém
8. Ribeirinhos das Ilhas de Belém
9. "Histórias de luta e conquistas dos moradores do Riacho Doce e Pantanal no Igarapé Tucunduba", Belém
10. A Luta pela Regularização Fundiária dos Moradores da AGRISAL, Salinópolis - Pará
11. "Fé e Esperança: Mulheres Guerreiras de Campo Sales", Manaus
12. "Histórias de Lutas e Conquistas dos Moradores do Bairro Jesus Me Deu", Manaus
13. "Famílias da Comunidade Parque Riachuelo I", Manaus
14. "Bairro Parque Riachuelo II: História, Conquistas e Reivindicações", Manaus
15. "Ontem um dono, hoje milhares:
A História Bairro Parque São Pedro", Manaus
16. "Comunidade Negra de São Benedito da Praça 14 de Janeiro", Manaus
17. Indígenas na Cidade de Manaus: Os Sateré-mawé no Bairro Redenção
18. Mulheres Indígenas e Artesãos do Alto Rio Negro em Manaus
19. Comunidade "Beco dos Pretos" Morro da Liberdade - Manaus - AM
20. Indígenas na Cidade de Rio Preto da Eva - Comunidade Indígena Beija-flor, Rio Preto da Eva - Amazonas
21. Bairro do Cabelo Seco - Marabá

Réalização

Associação Etno-ambiental Beija-flor

Apoio



FORD FOUNDATION



UFAM
PPGSCA

PPGDA
UEA



PPGA
UFAM

